

FÓRUM DAS LETRAS DE OURO PRÊTO

Gostaria de agradecer à Organização do Fórum das Letras, em especial à querida Guiomar de Grammont, intelectual e empreendedora, o convite para compartilhar algumas reflexões com vocês.

Dentre as muitas (e óbvias) influências em minha oficina poética, há em **Uns & Outros**, livrinho de poemas que registra os meus 20 anos de ofício, e que lancei em março deste ano, um poema inspirado em Drummond que se chama **a trajetória da pedra**, e que é assim:

Sopesada por mão destra e seminal
De fino feitio e certa mira
Sem alarde a pedra inaugural
Foi lançada de um caminho de Itabira

Com esse poeminha celebro as Minas Gerais e suas ruas e calçadas de ferro, e inauguro o meu elogio à síntese.

Esta mesa surgiu de uma conversa que tivemos, Guiomar e eu, quando este Fórum existia ainda no plano das idéias. Sugerir o título **Elogio à Síntese**, imediatamente pensando em meus queridos companheiros de jornada, Alice Ruiz e Carlos Felipe Moisés.

Só recentemente, ocorreu-me que poderia parecer um pouco estranho falar em síntese em uma cidade onde o barroco é traço distintivo, como em Vila Rica.

O fato é que fomos ensinados a pensar que o barroco está inseparavelmente identificado com o excesso e com o exagerado.

A pergunta que imediatamente ocorre, é: o que há de excessivo, ou redundante, em Aleijadinho, ou Manuel da Costa Ataíde?

A resposta óbvia é: nada. Assim como nada transborda, ou redundante, no poema, de Gregório de Matos (1623/1696), cujo título é **Aos Senhores Governadores do Mundo em Seco da Cidade da Bahia, e seus Costumes**, que leio a seguir:

A cada canto um grande Conselheiro
que nos quer governar cabana e vinha:
não sabem governar sua cozinha,
e querem governar o mundo inteiro!

Em cada porta um bem freqüente Olheiro
da vida do Vizinho e da Vizinha,
pesquisa, escuta, espreita e esquadrinha
para levar à Praça e ao Terreiro.

Muitos Mulatos desavergonhados,
trazendo pelos pés aos homens nobres;
posta nas palmas toda a picardia.

Estupendas usuras nos mercados:
todos os que não furtam, muito pobres:
eis aqui a Cidade da Bahia.

Nesse soneto, revela-se um enorme exercício de síntese para descrever, em 14 versos, de dez sílabas métricas, a sociedade, a política, os usos e os costumes da Cidade da Bahia nos Seiscentos – que, como vimos, pouco diferem dos hábitos contemporâneos, em especial no exercício da política.

Acredito, como o poeta norte-americano Ezra Pound, que a beleza se revela na “adequação ao objetivo”. Parafraseando Pound, diria que a síntese também se revela na adequação ao objetivo.

O mesmo Pound dizia que “A incompetência se manifesta no uso de palavras demasiadas. O primeiro e o mais simples teste a que o leitor deve submeter o autor é verificar as palavras que não funcionam”.

Dito de outra forma, no campo da criação poética (e o território dessa reflexão pode ser estendido à invenção literária mais ampla), a qualidade da obra revela-se pela sua economia – aqui entendida como o exercício de organização e de contenção do texto.

Revela-se pelo uso criativo, inovador e, principalmente, ótimo da palavra, a justa medida, que inventa, ou amplia, a compreensão do mundo – o mundo interior da psique humana, ou mesmo o universo exterior.

No início da década de 20 do século passado, Pound publicou o artigo **Os caracteres da Escrita Chinesa como Instrumento para a Poesia**, do norte-americano Ernest Fenollosa. Esse texto, pequeno e não concluído, é resultado de reflexões do pesquisador, que viveu no Japão entre 1897 e 1900.

Em seu estudo, Fenollosa comenta que (e eu o cito textualmente), “Em poesia, necessitamos de milhares de palavras ativas, cada qual fazendo o máximo para revelar as forças nutrizas e vitais. Não podemos exibir a opulência da Natureza por simples adição, amontoando sentenças. O pensamento poético trabalha por sugestão, acumulando o máximo de significado numa única frase plena, carregada, luminosa de brilho interior”.

Segundo ele, o método ideogrâmico de compor, resulta da observação humana da natureza e da tentativa de representá-la plasticamente, o mais fielmente possível. Nos caracteres chineses, diz Fenollosa, cada palavra acumula em si mesma aquela espécie de energia.

Como nota o poeta e crítico Haroldo de Campos, para Fenollosa, mais do que as coisas em si, o que importa são as relações entre as coisas.

Da mesma forma, o que importa na poesia não são as palavras em si, mas a relação que se estabelece entre as palavras, e os sentidos e significados que surgem por meio dessa relação.

Com isso, volto à minha oficina. Há, em **Uns & Outros**, 2 poeminhas que tratam dessa vinculação. O primeiro poema chama-se **palavra**. É assim:

sou quem inaugura o mundo
som e silêncio profundo
todos a quem toco fecundo
rei profeta vagabundo
capricho de um deus moribundo
sou quem inaugura o mundo

O segundo poema que gostaria de compartilhar com vocês, intitula-se **ordiri**, que leio em seguida:

poema não se faz
antes ou após
poema se faz durante
urdindo palavra a palavra
e desatando seus nós

Dentre os muitos gêneros poéticos que venho praticando ao longo desses 20 anos de ofício, a sátira e o epigrama de caráter satírico sempre me encantaram.

A rigor, o epigrama satírico é composto por 4 versos, constituindo-se, dessa forma, em uma quadrinha. Vou ler dois poeminhas em que exercito esse gênero, também publicados em **Uns & Outros**. O primeiro chama-se **Casa Grande & Senzala**:

sobe a saia a sinhá
desce o cinto o sinhô
morre a seco o loruba
nasce pardo o loiô

O segundo tem por título **Haikai tirado de uma falsa lira de Pedro I**. É assim:

amor, não recrimina:
a casca é grossa,
a fruta, fina

Como vêm, esse último poema possui três, e não quatro versos. O fato é que boa parte de minha oficina é dedicada ao haikai, poeminha de três versos. Assim, sou sempre levado a criar alguns versos com base nessa estrutura.

E aqui eu me detenho para falar um pouco sobre outro método de composição que emprego em minha oficina, inspirado no zen-budismo.

Na tradição da escola inaugurada por Basho, que viveu entre 1644 e 1694, o exercício do haikai tornou-se um caminho para o auto-conhecimento.

Nesse contexto, procuro exercitar o sabi (clima de solidão), o wabi (desprendimento, ou conexão com o todo) e o karumi (simplicidade sutil). e, também, a ausência de ego (shi-i), a busca do silêncio interior e a delicadeza (shiori). Paro por aqui, pois sei que a Alice irá abordar essa temática com vocês.

De Basho, há um poema belíssimo que foi traduzido Paulo Leminski da seguinte forma:

primavera não nos deixe
pássaros choram
lágrimas no olho do peixe

Revisitei esse poema, com a ironia de costume. O haikai que compus chama-se **Basho Revisitado**:

o outono se foi
ficou a grama amarela
e a ramela
no olho do boi

Para encerrar, eu gostaria de compartilhar a mais fantástica lição de síntese que eu conheço, e que sempre me emociona quando volto a ela. Trata-se do poema **Alguns Toureiros**, de João Cabral de Melo Neto. Esse poema foi publicado no livro **Paisagens e Figuras**. Vou ler o trecho em que descreve o toureiro *Manolete*. Nas últimas três estrofes o poeta dá a maior lição que já recebi sobre o exercício da síntese. Espero que seja tão inspirador e revelador para vocês como tem sido para mim.

Alguns toureiros

João Cabral de Melo Neto

Eu vi Manolo Gonzáles
e Pepe Luiz, de Sevilha:
precisão doce de flor,
graciosa, porém precisa.

Vi também Julio Aparício,
de Madrid, como *Parrita*:
ciência fácil de flor,
espontânea, porém estrita.

Vi Miguel Báez, *Litri*,
dos confins da Andaluzia,
que cultiva uma outra flor:
angustiosa de explosiva.

E também Antonio Ordóñez,
que cultiva flor antiga:
perfume de renda velha,
de flor em livro dormida.

Mas eu vi Manuel Rodríguez,
Manolete, o mais deserto,
o toureiro mais agudo,
mais mineral e desperto,

o de nervos de madeira,
de punhos secos de fibra,
o de figura de lenha,
lenha seca de caatinga,

o que melhor calculava
o fluído aceiro da vida
o que com mais precisão
roçava a morte em sua fimbria,

o que à tragédia deu número,
à vertigem geometria,
decimais à emoção
e ao susto, peso e medida,

sim eu vi Manuel Rodríguez,
Manolete, o mais asceta,
não só cultivar sua flor
mas demonstrar aos poetas:

como domar a explosão
com mão serena e contida,
sem deixar que se derrame
a flor que traz escondida,

e como, então, trabalhá-la
com mão certa, pouca e extrema:
sem perfumar a flor,
sem poetizar seu poema.